



www.univforum.org

Can Christianity Inspire a Global Culture?

UNIV Forum 2010 Organizing Committee

Na Modernidade se configurou uma sociedade que se constrói sobre a liberdade e a tolerância, o diálogo, a igualdade e a busca da paz. Por múltiplas razões – históricas, culturais, sociais, econômicas... – ou por sua mesma força, estes princípios suscitaram o acordo dos homens nos lugares mais diversos, até configurar a base de uma cultura global.

Em seu discurso à Universidade de *La Sapienza*, em 2008, Bento XVI reconhecia que graças ao desenvolvimento que as ciências tiveram na Modernidade, cresceram o conhecimento e o reconhecimento dos direitos e da dignidade do homem, e isto supôs um avanço que devemos preservar. Contudo, chamava a atenção sobre o risco que corre esta herança se se perde de vista que suas raízes estão na fé cristã: «se nossa sociedade quer apenas construir-se a si mesma sobre a base do círculo de suas próprias argumentações e daquilo que no momento a convence, e, preocupada pela sua laicidade, se distancia das raízes das quais vive, então já não se faz mais razoável e mais pura, ao contrário, se decompõe e fragmenta»¹.

A objeção do pluralismo

Hoje vemos que é principalmente isto o que está acontecendo em muitos países: políticos, intelectuais e, como conseqüência, grande parte da opinião pública promovem uma sociedade sem religião, chegando até mesmo, em alguns casos, a relegar o religioso à esfera privada e à eleição individual, sem direito a expressar-se na vida pública. Assim, se buscam outras formas de fundamentação dos valores que tradicionalmente se apoiavam em uma concepção transcendente da vida. Hoje, a democracia moderna parece buscar seu fundamento no consenso e nas maiorias, o que faz com que freqüentemente seja o poder e não a razão quem decide que coisas são importantes e que coisas não o são². Como conseqüência, se perde de vista a verdadeira prioridade

¹ BENTO XVI, *Discurso para a Universidade de La Sapienza*, 17 de janeiro de 2008, em www.univforum.org

² A respeito, não perdeu força a composição de lugar que propõe Lewis em *The Abolition of Man*.

das coisas: uns bens se exageram, outros, talvez mais fundamentais, se minimizam; e os conflitos parece poder resolvê-los qualquer Parlamento, fazendo e desfazendo segundo convenha à maioria do momento.

Neste ambiente, freqüentemente se apresenta a religião – e inclusive a uma concepção forte da verdade – como algo *prejudicial* para uma sociedade plural, porque se trata de uma instância que tenderia a impor suas próprias convicções aos demais sem respeitar o *pluralismo*. Frente a esta postura, outros estudiosos afirmam que o que realmente fecha as portas ao diálogo, tornando-o impossível, é o próprio fato de rechaçar a existência de verdades sólidas, que preexistem a todo consenso³. A democracia em um mundo global não pode ser simplesmente o acordo sobre um conjunto de *procedimentos*: é um sistema sustentado por certos conteúdos, bons e justos, sobre os quais se possa construir uma sociedade digna do homem, que faça possível uma convivência que, regida pela justiça, busque a liberdade de todos e a paz. Seria necessário estudar se uma concepção cristã do homem e da sociedade não são uma boa base sobre a qual construir esta sociedade.

As raízes cristãs da cultura moderna

Muitos dos debates sobre o papel da religião no fundamento da sociedade surgiram nos últimos anos a partir da definição da identidade da Europa, definição na qual numerosos políticos e intelectuais se negaram a reconhecer a centralidade do cristianismo. Na realidade, esta discussão se enquadra na questão – anterior e mais ampla – sobre o fundamento cristão da cultura moderna⁴. Ainda que a Europa seja o lugar onde o debate se iniciou e onde tornou a um primeiro plano, essa discussão se tem revelado muito oportuna para todas as demais sociedades do mundo ocidental e para uma reflexão sobre a sociedade em geral. Mais do que a realidade de que muitas das culturas atuais sejam devedoras da Europa em relação a sua configuração, está o fato de que o cristianismo é capaz de renovar todas as culturas.

Bento XVI tem demonstrado um grande interesse neste debate e tem intervindo pessoalmente nele em várias oportunidades. Constantemente trata de mostrar que *o cristianismo é uma religião do «lógos»* - da razão – e, portanto, não se opõe a nada que seja conforme à razão⁵. Assim, graças à fé, o cristão pode *ver mais além*, entender com maior profundidade o sentido das coisas. É uma vantagem o fato de *ver mais além*, mas com isso não se poupa ao cristão o caminho de buscar melhores maneiras de organizar a sociedade e cada um de seus âmbitos em cada época: a maior profundidade que a fé lhe descobre não consiste em um particular modelo social ou econômico, ao contrário, está aberta a tudo que for humanamente nobre e verdadeiro.

³ Cfr. J. RATZINGER - J. HABERMAS, *Dialektik der Säkularisierung: über Vernunft und Religion*.

⁴ São já clássicos H. BELLOC, *Europe and the Faith* e R. GUARDINI, *Das Ende der Neuzeit*.

⁵ Cfr. BENTO XVI, *Fé, Razão e Universidade. Recordações e Reflexões. Discurso na Universidade de Regensburg*, 12 de setembro de 2006.

Identidade cristã

Se queremos propor a validade do cristianismo como base de uma cultura global, é necessário refletir antes de mais nada sobre a «identidade cristã»: perguntar-nos qual é a essência do cristianismo e que conseqüências tem no comportamento individual e na configuração dos distintos âmbitos da sociedade. A afirmação de que o cristianismo é *uma religião do «lógos»* está no próprio núcleo da mensagem cristã, cuja essência não consiste principalmente em uma doutrina, mas em uma pessoa: Jesus Cristo⁶. O cristianismo afirma que o mesmo *Lógos* que se encontra na base da inteligibilidade do mundo se fez homem e morreu por nós, revelando-nos o sentido mais profundo da nossa vida e de todas as suas dimensões, desde o trabalho até o sofrimento⁷. Jesus nos chama a identificarmo-nos com Ele, e a isso tende, precisamente, a vida cristã.

Existem alguns elementos que formam parte da identidade cristã. Talvez seja o primeiro o *compromisso com a busca da verdade* – sobrenatural, mas também humana – a respeito do homem, seu comportamento, a melhor configuração da sociedade, etc. Outro elemento fundamental é *uma concepção do que é o homem e do que é a sociedade*: somente à luz do mistério de Cristo se chega a captar com profundidade o valor de cada pessoa humana e a atitude de amor e serviço que devemos ter com respeito aos nossos iguais⁸.

Can Christianity Inspire a Global Culture?

Refletir sobre o modo em que o cristianismo pode inspirar uma cultura global exige não perder de vista, finalmente, as duas faces que apresenta a identidade cristã. Por um lado é algo que é necessário *conhecer e estudar rigorosamente*, e, por outro, algo que se deve *viver individualmente*, mas tratam-se de duas dimensões intrinsecamente ligadas, inseparáveis. Por isso, um cristão que queira implicar-se pessoalmente no acontecimento de Cristo e na tarefa evangelizadora da Igreja deve, em primeiro lugar, *conhecer os fundamentos da teologia, trabalhar com «cabeça cristã»*.⁹

Mas, em segundo lugar, deve ser capaz de mostrar como influi a identidade cristã em cada um dos campos da atividade humana: desde os conceitos que estão à base das ciências, até as decisões que se tomam em uma empresa e o que mandam ou proíbem as leis de um Estado democrático. A inspiração cristã não tira nada do verdadeiramente valioso – do que é *conforme à razão* – às distintas disciplinas, antes o integra em uma concepção mais ampla e profunda do bem e da verdade humanos; por isso, *o cristianismo nunca será um limite* para o autêntico desenvolvimento de uma disciplina, seja teórica ou prática.

⁶ Cfr. R. GUARDINI, *Das Wesen des Christentums*.

⁷ Cfr. CONCILIO VATICANO II, Const. Past. *Gaudium et Spes*, 7.12.1965, n.22: «Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sublimidade de sua vocação».

⁸ Cfr. A. ARANDA (ed.), *Identidad cristiana. Coloquios universitarios*, Eunsa, Pamplona 2007.

⁹ Às vezes se vê um desequilíbrio chamativo entre a capacitação técnica e o conhecimento teológico e moral dos cristãos, quando esta complementaridade é imprescindível se queremos que a luz da fé penetre em cada âmbito onde estamos presentes.

Assim, se levamos a sério o que o cristianismo propõe – ou seja, que o *Logos* divino se encarnou, revelando o homem ao próprio homem -, deveríamos então ser capazes de justificar com *razões* que *uma concepção cristã é a melhor base sobre a qual se podem desenvolver as distintas atividades humanas*. Uma concepção cristã respeitará a verdadeira natureza das coisas e sua racionalidade própria, dará os motivos mais elevados para melhorar, e saberá integrar os conhecimentos e ações em um marco mais amplo.

Certamente, a nossos contemporâneos não lhes bastam os discursos que se movem no âmbito do geral, dos princípios. Existem muitos exemplos na história e no mundo em que vivemos que mostram que uma concepção cristã do mundo e da vida é de grande proveito para solucionar os problemas que se propõem na sociedade e nos mais diversos âmbitos: desde a medicina e as ciências até o mundo da empresa, passando pelos estudos humanísticos. Agora que muitos querem construir uma cultura global *sem raízes, líquida*, fundada apenas no consenso dos cidadãos, pode ser um bom momento para repensar – conforme à realidade e aos esquemas do mundo do nosso tempo – o *papel construtivo* que devem desempenhar as *raízes* cristãs da sociedade de herança moderna, e para trazer à luz, precisamente, o que o cristianismo *está agregando já* à solução dos problemas que apresentam uma cultura global.